

**Fotografia dialógica na produção acadêmica:  
convergências e divergências conceituais**

***Dialogic photography in academic production:  
conceptual convergences and divergences***

Eduardo QUEIROGA<sup>1</sup>  
Mariana Alves MACHADO<sup>2</sup>  
Rebeca Júlia Ribeiro da SILVA<sup>3</sup>

**Resumo**

O artigo busca analisar como o conceito de “fotografia dialógica” é acionado por diferentes pesquisas e pesquisadores no Brasil. Para isso se apoia numa metodologia que cruza resultados provenientes de coletas em repositórios nacionais, apontando para convergências e divergências em dois eixos principais: o rigor no uso e conceitualização do termo, bem como seu alinhamento – ou não – com teóricos, tendo sido encontradas duas principais fontes: a dialogicidade de Paulo Freire e o dialogismo de André Rouillé. O texto traz uma sumarização de cada trabalho analisado, além de defender a importância da fotografia se permitir práticas alternativas de produção que trabalhem uma maior aproximação entre fotógrafos e fotografados.

**Palavras-chave:** Fotografia. Fotografia dialógica. Dialogicidade. Dialogismo.

**Abstract**

The article seeks to analyze how the concept of "dialogic photography" is used by different researches and researchers in Brazil. To this end, it is based on a methodology that crosses results from collections in national repositories, pointing to convergences and divergences in two main axes: the rigor in the use and conceptualization of the term, as well as its alignment – or not – with theorists, having been found two main sources: the dialogicity of Paulo Freire and the dialogism of André Rouillé. The text summarizes each work analyzed, in addition to defending the importance of photography allowing alternative production practices that manage a greater approximation between photographers and photographed.

**Keywords:** Photography. Dialogic photography. Dialogicity. Dialogism.

---

<sup>1</sup> Doutor em Comunicação. Professor do Departamento de Fotografia e Cinema da Escola de Belas Artes da UFMG. E-mail: queirogaeduardo@ufmg.br

<sup>2</sup> Graduada em Artes Visuais pela UFMG. Bolsista do Programa de Apoio à Iniciação Científica e Tecnológica - PIBIC da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG). E-mail: mariana00alves@gmail.com

<sup>3</sup> Graduada em Relações Públicas pela UFMG. Bolsista do Programa de Apoio à Iniciação Científica e Tecnológica – PIBIC/CNPq. E-mail: rebeca.julia.rrs@gmail.com

## Introdução

Este texto surge no interior de um projeto de pesquisa mais amplo<sup>4</sup> que se debruça sobre processos criativos na fotografia, com ênfase naqueles que buscam a articulação do conceito de “fotografia dialógica”. A partir disso, sentimos a necessidade de entender como esse termo vem sendo usado por outras pesquisas e produções acadêmicas. Nosso intuito, portanto, é promover um breve mapeamento em repositórios, bancos de teses e dissertações e aglutinadores de artigos, apontando convergências e divergências nas abordagens, como detalharemos adiante.

Nossa premissa inicial: há muitas significações diferentes para a expressão “dialógica”, parte por conta de um viés que se apoia no senso comum, parte cuja aproximação acontece através de autores que se utilizaram do vocábulo em suas reflexões. Ou seja, esperávamos encontrar certa fluidez, flexibilidade ou mesmo frouxidão no emprego do conceito. Tal expectativa nos coloca também o dever de destacar que aquilo que o termo busca definir pode ser trabalhado através de outras expressões, de modo que há variadas pesquisas que podem se debruçar sobre o mesmo fenômeno, mas se valendo de diferentes terminologias.

Olhar para as variadas maneiras como a ideia de “fotografia dialógica” vem sendo empregada contribuirá para adensar o debate que queremos desenvolver, mas também para apoiar demais pesquisadores e estudantes que se aventurem por esse percurso. Acreditamos também que esse nosso movimento estimula a reflexão sobre outros modos de se fazer fotografia, assim como alerta para a urgência de revermos práticas hegemônicas – muitas vezes opressoras – no desenvolvimento desta linguagem.

## Metodologia

Para chegar a um corpus que trouxesse maior precisão e delimitação do termo cuja incidência nos propomos observar, buscamos alguns recortes metodológicos. Decidiu-se pesquisar em plataformas e buscadores especializados em produções acadêmicas, a saber:

---

<sup>4</sup> O projeto “Processos Criativos e Autoria na Fotografia” está vinculado à linha de pesquisa “Poéticas Visuais: desdobramentos éticos, estéticos e sociopolíticos” do grupo de pesquisa Nfoto (Núcleo de Pesquisa em Fotografia), vinculado à Escola de Belas Artes da UFMG. Desenvolve pesquisa envolvendo a fotografia dialógica. Disponível em: [dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/9064310634378668](http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/9064310634378668). Acessado em: 8 jul 2025.

Catálogo de Teses e Dissertações - Capes<sup>5</sup>, Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações<sup>6</sup>, Google Acadêmico<sup>7</sup> e SciELO<sup>8</sup>. É importante registrar que fizemos todas as buscas em uma única data, 23 de outubro de 2024, para garantir a consistência dos dados.

Levando em conta o funcionamento dos buscadores booleanos, priorizamos a combinação “fotografia dialógica” como termo principal, pois, ao usar aspas, é indicado aos mecanismos o que queremos de mais específico: encontrar textos onde essa expressão aparece segundo essa combinação exata. Mesmo entendendo que esse seria o caminho mais bem definido, também consideramos importante, como medida validadora, aferir – apenas quantitativamente – como se comportariam outras combinações de termos e instruções. Sendo assim, também foram pesquisados: fotografia dialógica (sem aspas); “fotografia” e “dialógica”; “fotografia” e “dialogia”; “fotografia” e “diálogo”; “fotografia” e “dialogicidade”. No gráfico 1 é possível ver a quantidade de resultados para cada situação. Pode-se constatar uma disparidade muito grande quando utilizamos os termos de maneira independente, pois a busca detecta a aparição de cada palavra individualmente, não necessariamente associadas entre si, exibindo resultados que se distanciam de nosso escopo.

---

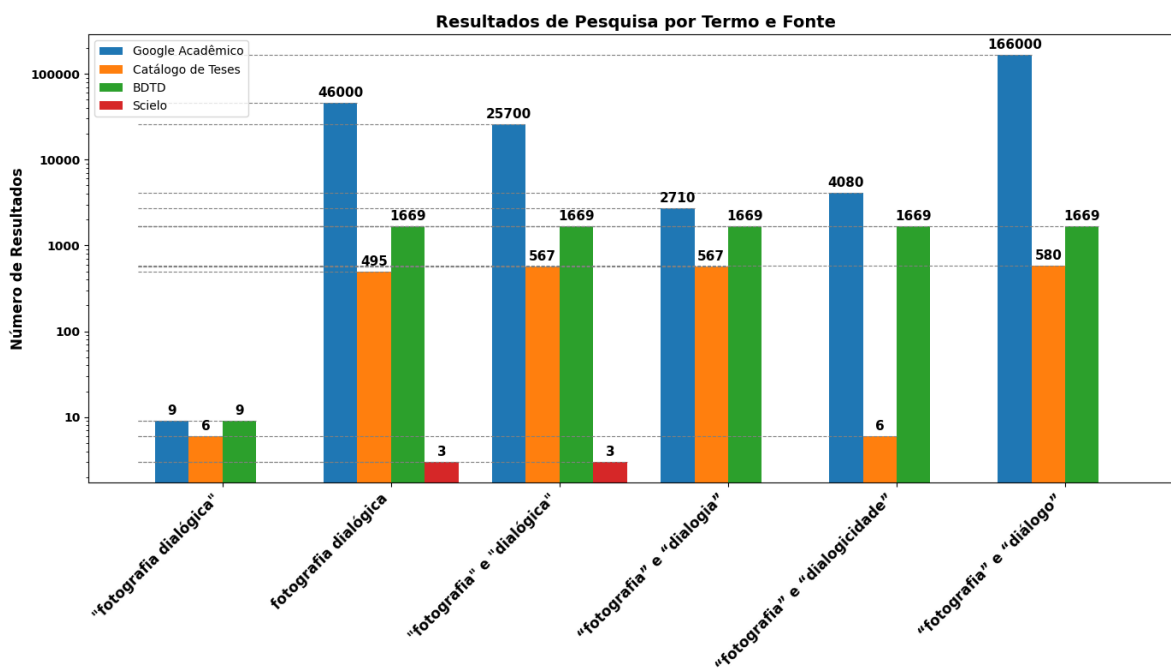
<sup>5</sup> Disponível em: <https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/>. Acessado em 23 out 2024.

<sup>6</sup> Disponível em: <https://bdtd.ibict.br/vufind/>. Acessado em 23 out 2024.

<sup>7</sup> Disponível em: <https://scholar.google.com.br/?hl=pt>. Acessado em 23 out 2024.

<sup>8</sup> Disponível em: <https://www.scielo.br/>. Acessado em 23 out 2024.

Gráfico 1 – Resultados de pesquisas de diferentes combinações de termos e plataformas



Fonte: Dados da pesquisa (2024)

Na medida em que aprofundamos nossa investigação, percebemos a necessidade de ajustar o corpus pois detectamos divergências em alguns dos dados coletados. A partir da análise dos resultados, constatamos imprecisões relacionadas à forma como duas das plataformas fazem e apresentam suas buscas. No caso da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, embora tenhamos empregado as aspas em conformidade com as instruções de cada um dos mecanismos de pesquisa, observamos que cinco das seis combinações de termos apresentaram uma mesma quantidade de resultados, apontando para uma suspeita de que o mecanismo aproxima palavras parecidas, desconsiderando a exatidão solicitada e, com isso, entregando resultados sem rigor.

**Tabela 1** – Distribuição do termo pesquisado nos segmentos de cada texto analisado

Título do trabalho	Autor(es)	Local e quantidade de ocorrência do termo				
		Título	Resumo	Palavras chave	Corpo do texto	Total
A fotografia de Sebastião Salgado: uma proposta de trabalho com alunos do Instituto Federal do Maranhão/IFMA – Campus Monte Castelo	Lara Rubia Silva Teles	0	0	0	1	1
Apontamentos para uma fotografia dialógica	Eduardo Queiroga	1	1	0	3	5
Foto-diálogo, diálogo-foto: ensaios sobre o invisível e subversão das normas de gênero	Dilliany Justino de Lima	0	0	0	2	2
Fotojornalismo: do impulso violento à fotografia dialógica na cobertura de crises humanitárias	Wagner Ribeiro	1	1	1	10	13
Mulheres, café e cotidiano: um olhar fotográfico sobre o trabalho das mulheres durante a colheita do café no interior de Minas Gerais	Sheilla Kelly de Sousa Teixeira	0	0	0	4	4
Retratos de família: memória do livro fotográfico	Paulo Eduardo Marques Assunção	0	0	0	1	1
Uma proposta de imersão no processo da fotografia e na leitura de imagens	Liliane de Fátima Giordano	0	0	0	1	1

Fonte: Dados da pesquisa (2024)

Uma outra divergência percebida no tratamento mais fino dos resultados, foi em relação à pesquisa do termo “fotografia dialógica” nas plataformas “Catálogo de Teses e Dissertações” e “Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações” que apontaram, respectivamente, seis e nove trabalhos. Quando analisamos cada um destes textos, no entanto, não encontramos nenhuma ocorrência do termo.

Para a continuidade da pesquisa, consideramos apenas trabalhos nos quais o termo principal aparecesse ao menos uma vez em um dos seguintes segmentos: título, resumo, palavras-chave ou corpo do texto, conforme tabela 1. Com isso, nosso recorte considerou

apenas a plataforma do Google Acadêmico, pois foi a única que, após os ajustes apontados acima, trouxe referências que traziam a “fotografia dialógica” de fato. Das nove aparições nesta plataforma, uma não tinha ocorrências nos segmentos considerados e duas entradas apontavam para um mesmo texto, de modo que a quantidade final de textos analisados ficou em sete produções, entre artigos, dissertações e outras monografias.

### Convergências e divergências

Na análise que se segue dos trabalhos selecionados, é possível constatar uma variedade na forma como o termo “fotografia dialógica” é acionado ou articulado. Podemos distinguir dois eixos principais: um estabelecido pelo grau de aprofundamento em que o conceito é tratado na pesquisa – se de modo mais superficial ou se há uma busca por defini-lo de modo mais preciso – e outro que observa a procedência referencial – em outras palavras, de que outros autores e debates o conceito foi apropriado para a discussão em tela. Constatamos que há casos em que o termo aparece apenas como parte de uma citação direta, sem maior desenvolvimento ou importância para o debate promovido pelo texto, por exemplo. Cruzando os dois eixos, temos uma gradação que vai daquela ocorrência em que a fotografia dialógica é central para a investigação e se utiliza de referenciais teóricos que abordam o paradigma dialógico até aqueles que abordam o conceito como um senso comum, sem o necessário tensionamento.

Dentre os trabalhos em que a fotografia dialógica é um debate central, podemos citar o texto de Wagner Ribeiro (2019): “Fotojornalismo: do impulso violento à fotografia dialógica na cobertura de crises humanitárias”. O artigo, questiona o *modus operandi* de captura do fotojornalismo, no qual há pouco ou nenhum diálogo com o fotografado. Apoiado pelas concepções do pesquisador André Rouillé, sugere que a fotografia dialógica é uma “forma diferente de se fazer fotojornalismo” (Ribeiro, 2019, p. 10), que é na interação entre o fotografado e o fotógrafo, na qual este rejeita o conceito de domínio do processo de criação e se coloca no mesmo patamar daquele, que se estabelece uma relação horizontal e colaborativa.

Dessa forma, para o autor, cria-se um trabalho mais enriquecido e respeitoso, que garante a dignidade da pessoa retratada. Isso é especialmente relevante no fotojornalismo,

que frequentemente faz a documentação de guerras e crises humanitárias, contextos nos quais as pessoas já se encontram em situações de extrema vulnerabilidade.

É possível considerar que a fotografia dialógica em nada prejudica a prática da profissão. Pelo contrário. A partir do momento em que as fontes se sentem confortáveis, confiam no fotógrafo, pois sabem exatamente quais os objetivos dele, como e por que estão sendo fotografadas, o trabalho flui melhor. E os resultados são imagens mais naturais, honestas e justas para ambos os lados (Ribeiro, 2019, p. 11).

Ribeiro argumenta que essa relação é desencadeada a partir do momento que o fotojornalista se propõe a ir até a pessoa que deseja registrar e dialoga com ela, questiona se aceita ser fotografada e de que forma “Quando o fotógrafo se encontra *em situação*, a melhor escolha é o diálogo. A senhora síria foi indagada se a foto poderia ser feita. ‘Prefiro não ser fotografada. Tenho medo de ser identificada’. [...] A fotografia não foi clicada” (Ribeiro, 2019, p. 4). Em suma, Ribeiro defende que os fotojornalistas não façam da fotografia um instrumento de espetacularização do sofrimento alheio, que estejam sempre atentos para com a dignidade do fotografado, buscando a horizontalidade e humanidade, “Ou ainda, nas palavras de André Rouillé, na reportagem dialógica, o Outro cessa de ser um objeto para ser um sujeito, um ator, um parceiro” (Ribeiro, 2019, p. 10).

Um outro exemplo é o artigo “Apontamentos para uma fotografia dialógica”, de Eduardo Queiroga (2023). O texto discute as relações de poder envolvidas na prática fotográfica e propõe uma abordagem dialógica para a fotografia. O autor questiona a ideia de neutralidade na imagem fotográfica e analisa como a fotografia, segundo ele vista por muitos como um meio inofensivo de reprodução, pode ser tanto um instrumento de dominação de uns sobre outros, quanto um meio de resistência a partir de uma construção coletiva:

De um lado é preciso reafirmar e não se deixar esquecer das relações desiguais de poder que atravessam a produção fotográfica e seu alinhamento com interesses de exploração e extrativismo, por outro lado também temos um sem número de exemplos de projetos e experiências que apontam para maneiras outras de fazer fotografia, que apostam no diálogo e no encontro (Queiroga, 2023, p. 1).

O autor busca na obra do educador Paulo Freire a base para a construção do termo, trazendo para perto da teoria fotográfica o conceito de dialogicidade desenvolvido para o campo da pedagogia, propondo uma espécie de antídoto, aproveitando as potencialidades

da fotografia não apenas para reforçar as relações desiguais de poder, mas para operar na contramão das práticas dominantes e dominadoras que ela mesma tem ajudado a persistir

Queiroga explora, então, a fotografia como um espaço de encontro, apresentando exemplos de trabalhos fotográficos no qual a relação entre fotógrafo e fotografado se dá de maneira mais horizontal, como no trabalho “Dead Water” de Marilene Ribeiro, no qual a fotografia dialógica se dá a partir do processo de cocriação na produção, em que os fotografados decidem aonde gostariam de ser registrados, com quais objetos, símbolos e roupas.

Por fim, para o autor, “é preciso reconhecer, e não desperdiçar, as brechas e potencialidades que a fotografia oferece para uma prática dialógica” (Queiroga, 2023, p. 9), para ele, é preciso rever a forma como se tem feito fotografia, observando-se quais discursos e alinhamentos estão sendo perpetuados.

No artigo “Foto-diálogo, diálogo-foto: ensaios sobre o invisível e subversão das normas de gênero” de Dilliany Justino de Lima (2018), a autora introduz o seu texto contextualizando os estudos de gênero, trazendo noções sobre as dinâmicas de poder relacionadas ao controle dos corpos femininos e aos papéis de gênero definidos para mulheres, sob uma perspectiva interseccional. Ao pensar na existência de individualidades femininas que desafiam a ordem heteronormativa, Lima investiga a fotografia enquanto instrumento de subversão para esses sujeitos que estão construindo novos significados para o gênero. Assim, a fotografia aparece como uma maneira de “materializar e instrumentalizar a visibilidade e a autonomia na escolha de como esses corpos fotografados querem ser vistos” (Lima, 2018, p. 5). A partir disso, abre-se espaço para a existência de uma troca entre os dois atores do processo fotográfico, conferindo importância ao fotografado e retirando-o do lugar de objeto. Ao permiti-lo expressar-se livremente, a fotografia torna-se um mecanismo que tem o poder de trazer visibilidade para esses corpos subjugados que estão sendo expostos nessas imagens.

Sob esta perspectiva, a fotografia dialógica proposta nos estudos de Lima está associada às fotógrafas e às fotografadas que se colocam como protagonistas de tudo aquilo que se é encontrado e construído coletivamente no processo fotográfico, sendo donos de um mesmo projeto (Lima, 2018, p. 7). De acordo com ela, é preciso que a relação fotógrafo-fotografado seja repensada, de forma que traga para perto e para dentro quem antes tinha um papel simplificado nessa dinâmica. Para discutir isso, a autora faz referência às ideias de Andre Rouillé, que ressalta a essencialidade de um processo

dialógico na prática fotográfica, onde quem é fotografado tem papel ativo, através de uma produção conjunta de olhares e representatividades. Pensando nisso, a autora também propõe os conceitos de "foto-diálogo" ou "diálogo-foto", que estão relacionados à auto-elucidação do fotografado, visto que este processo dialógico tem "o objetivo de se atingir um resultado onde a pessoa fotografada se perceba e se enxergue, de fato, nas imagens construídas" (Lima, 2018, p. 7). Apesar de utilizar o termo "fotografia dialógica" uma única vez ao longo do artigo, a autora aborda o dialogismo de forma direta, embasando-se nos pensamentos de Rouillé, que é citado múltiplas vezes, com o propósito de debater uma nova linguagem na fotografia, que valoriza as narrativas próprias dos fotografados.

No projeto experimental "Mulheres, café e cotidiano: um olhar fotográfico sobre o trabalho das mulheres durante a colheita do café no interior de Minas Gerais", de Sheilla Kelly de Sousa Teixeira (2023), o termo "fotografia dialógica", é utilizado quatro vezes, chegando a apontar para seu significado, como quando afirma que "trata-se exatamente do ato de fotografar que busca no modelo um parceiro, um sujeito junto com o qual a imagem é construída, e não somente um "objeto" da imagem. Desta maneira, a alteridade, a proximidade e a troca se fazem presente no produto final, fruto desse dialogismo" (Teixeira, 2023, p. 10). A autora desenvolveu um projeto fotográfico com mulheres envolvidas com a produção cafeeira no interior de Minas Gerais, enfatizando práticas dialógicas na produção das imagens e também na reflexão teórica que embasa o trabalho. Sua principal referência é o dialogismo referenciado por André Rouillé, que traz para o fotografado a condição de dividir a autoria com o fotógrafo, quando "o modelo torna-se um autor, um verdadeiro parceiro, um sujeito. A astúcia do ladrão (caçador) de imagens cede lugar à capacidade do fotógrafo em ganhar a confiança de seus modelos-parceiros" (Rouillé, 2009, p.183).

Em outros trabalhos, o termo "fotografia dialógica" é usado de forma periférica ou aparece a partir de citações, sem que tenha um protagonismo, como na dissertação de mestrado intitulada "Uma proposta de imersão no processo da fotografia", de Liliane de Fátima Giordano (2016), que analisa uma oficina de fotografia em seus métodos e resultados. Defendida no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, aproxima-se do conceito de dialogicidade desenvolvido por Paulo Freire nas suas reflexões sobre pedagogia, articulando com outros autores da arte-educação e do campo mais específico da fotografia. Dessa forma, analisa as estratégias pedagógicas acionadas pela oficina, incluindo associações com a leitura de

imagens. Assim como outros textos aqui referidos, a dissertação se apoia em André Rouillé (2009) para trazer a fotografia dialógica, destacando que

fotografar e dialogar convergem, aqui, para a pesquisa hesitante, sempre singular, da distância conveniente com o outro. Construir uma proximidade e uma troca, além das diferenças e a partir delas; enriquecer-se das disparidades; adaptar seus métodos e seus ritmos aos do Outro, são esses os principais elementos de uma fotografia dialógica (Giordano, 2016, p. 65).

Algo parecido acontece no trabalho de conclusão de curso de Jornalismo “Retratos de família: memória do livro fotográfico”, de Paulo Eduardo Marques Assunção (2019). Sua monografia aborda uma produção prática em fotografia, mais especificamente no gênero do retrato, buscando tensionar o entendimento corrente de família ao propor retratos de famílias com diferentes configurações. Mais uma vez a referência à dialógica aparece na voz de Rouillé, mais especificamente na seguinte citação direta: “a fotografia dialógica não procura representar, registrar, captar aparências, mas exprimir situações humanas que ultrapassem amplamente a ordem do visível” (Rouillé, 2019, p. 183). No texto não há uma análise crítica do conceito, apenas essa aparição.

Na dissertação de Lara Teles (2023), intitulada “A fotografia de Sebastião Salgado: uma proposta de trabalho com alunos do Instituto Federal do Maranhão/IFMA – Campus Monte Castelo”, a autora desenvolve oficinas e discussões com os alunos da disciplina de Fotografia Digital, baseando-se em uma metodologia fundamentada no diálogo entre todas as partes envolvidas. O objetivo é promover o desenvolvimento do pensamento crítico e reflexivo a partir da análise da obra do fotógrafo Sebastião Salgado.

O termo “fotografia dialógica” aparece apenas uma vez no texto, a partir de uma citação do pesquisador André Rouillé:

Fotografar e dialogar convergem, aqui, para a pesquisa, hesitante e sempre singular, da distância conveniente com o Outro. Construir uma proximidade e uma troca, além de diferenças e a partir delas; enriquecer-se das disparidades; adaptar seus métodos e seus ritmos aos do Outro, são esses os principais elementos de uma fotografia dialógica (Rouillé, 2009, p. 432).

Percebemos, ao longo de nosso mergulho através dos trabalhos e suas respectivas associações com a fotografia dialógica, a importância de nos debruçarmos sobre as duas principais fontes conceituais: o dialogismo em Rouillé e a dialogicidade em Freire.

## O dialogismo de André Rouillé

O professor francês André Rouillé é citado em vários dos textos analisados, em alguns casos sendo ele o único motivo ou referência para o aparecimento do termo que estamos estudando. Em seu livro “A fotografia: entre documento e arte contemporânea” (2009), Rouillé discorre sobre as transformações da fotografia a partir de suas duas posições historicamente atribuídas: documento e arte. Haveria uma espécie de passagem – ou mesmo evolução – daquilo que ele chama de fotografia-documento para a fotografia-expressão. As vias nas quais se dá a segunda “são aquelas que a fotografia-documento rejeita: a escrita, logo, a imagem; o conteúdo, logo, o autor; o dialogismo, logo o outro” (Rouillé, 2009, p. 161). O autor cita alguns movimentos em direção ao protagonismo do “outro” na fotografia, como ensaios daquilo que viria a ser o diálogo alcançado posteriormente. Há, no seu pensamento, um viés diacrônico, sequencial, como um desenvolvimento. Nesse percurso, aos poucos, a fotografia incluiria novos sujeitos, depois questionaria a prática de “roubar” a imagem dos fotografados para trocar de lugar com eles, dando espaço para sua participação no processo criativo. “A chegada do Outro e do diálogo ao centro do processo fotográfico constitui uma nova etapa na dinâmica que, há quase um quarto de século, conduz a fotografia do estrito documento à expressão” (Rouillé, 2009, p. 178).

André Rouillé aponta para a necessidade de se dedicar tempo, “uma extrema disponibilidade para o Outro” (2009, p. 179), algo que demanda perspectiva política e social, além da criação de procedimentos mais específicos que se adequem a cada diferente realidade ou contexto. Para o autor, o dialogismo se coloca contra a produção às pressas, aquela que se mantém distante, recuada em relação ao que fotografa, mantendo uma separação entre fotógrafo e fotografado, onde o primeiro desempenha ao papel de observador do mundo, enquanto que o segundo é apenas observado, muitas vezes sequer é respeitado.

## A dialogicidade em Paulo Freire

Quando pensamos em diminuir a distância entre fotógrafos e fotografados, nos avizinhamos de uma maior horizontalidade na relação desigual de poder entre esses sujeitos. Haverá sempre as especificidades de cada função, de cada papel desempenhado:

o fotógrafo continua sendo aquele que está na cadeia de produção e circulação das imagens, no domínio de alguns aspectos decisivos em relação à significação. Mas o gesto de aproximação permite dividir, mesmo que minimamente, esse peso. A consideração do outro como parte do processo, com seus saberes, contribuições e percepções de mundo, é um dos princípios da dialogicidade, conceito trabalhado pelo educador brasileiro Paulo Freire em várias de suas obras. Para ele, a curiosidade e a criticidade são elementos fundamentais dos processos educacionais. “O sujeito que se abre ao mundo e aos outros inaugura com seu gesto a relação dialógica em que se confirma como inquietação e curiosidade, como inconclusão em permanente movimento na história” (2016, p. 133).

As noções abordadas por Freire mais diretamente no campo da educação e da pedagogia podem ser transpostas para outras relações que envolvem – explícita ou implicitamente – a opressão e o poder. A curiosidade, por exemplo, passa pela abertura e pelo interesse genuínos em relação ao outro, naquilo que há para se aprender em diálogo com o novo, com aquilo que não sabemos, pressupõe o reconhecimento de uma posição de ignorância, porque incompleto, e humildade. Descer do pedestal ilusório – ou opressor – de conhecedor das verdades universais para pisar o chão no mesmo nível de quem está sendo fotografado, quando trazidas tais discussões para o campo da fotografia. O diálogo exige a abertura para o mundo, em oposição ao depósito de certezas e conhecimentos prévios sobre o mundo. Não é somente transmissão, mas construção.

Além dos campos distintos, a dialogicidade de Paulo Freire e o dialogismo de André Rouillé se distanciam em algumas décadas. A produção do primeiro remonta à segunda metade do século XX, enquanto a do francês data da primeira década do século XXI. Mas ambos pregam metodologias que se constituem pela abertura ao outro e a suas especificidades. Freire busca a superação da opressão e uma educação que leve em conta as diferentes realidades dos educandos e dos educadores. Rouillé traz o debate como uma evolução sofrida pela fotografia na medida em que avançaria de uma concepção de objetividade para uma assunção da expressão e dos sujeitos que a compõem. É preciso pontuar que a abordagem “evolutiva” merece alguma crítica, na medida em que é possível identificar produções com diferentes acionamentos desses métodos em épocas distintas, enfatizando a percepção de que o que muda é a forma como a história é contada – assim como aqueles que contam a história.

## Conclusões

O termo “fotografia dialógica” ainda tem poucas ocorrências nas pesquisas e pode apontar para distintas abordagens. Embora possa ser acionado de modo superficial ou como senso comum, remetendo a qualquer maneira de diálogo, detectamos duas procedências mais fortes para o termo, que, em certo sentido, se complementam: o dialogismo de André Rouillé e a dialogicidade de Paulo Freire.

Observamos que as aparições se referem a produções mais recentes: o mais antigo dos trabalhos é de 2016. Mesmo levando em conta que a plataforma tem sua atuação no meio digital e que teria dificuldades de detectar textos muito antigos, a concentração nos últimos dez anos nos desperta curiosidade. Embora não seja nosso objetivo alcançar tais motivações, poderíamos arriscar alguns palpites em relação a isso: 1) maior reconhecimento do alinhamento das práticas fotográficas com ideais colonizadores e opressores, a exemplo dos estudos empreendidos por Ariella Azoulay (2024), juntamente com o crescimento de movimentos decoloniais, não necessariamente ligados à fotografia, mas que reverberam até ela, mesmo que inconscientemente; 2) ampliação das buscas por parte de fotógrafos e fotógrafas por aproximação com os fotografados como reconhecimento das trocas como processo constitutivo de obras mais ricas, mesmo que de forma intuitiva; 3) a publicação e difusão do livro de André Rouillé como fonte de pesquisa no Brasil, cuja edição traduzida data de 2009, talvez tenha refletido em investigações posteriores que passam a se utilizar do termo, como vimos aqui no grande número de aparições que se devem às referências ao autor francês.

Esta última premissa traz outra curiosidade, uma vez que Paulo Freire, autor brasileiro muito fortemente referenciado internacionalmente, já discutia as práticas dialógicas nos anos 1960 – o fato de que o debate de Freire se funda no campo da educação pode explicar, em parte, o motivo para que o uso do paradigma dialógico alcance o campo da fotografia com mais força através da tradução de uma produção estrangeira do campo fotográfico.

Não podemos aqui deixar de defender a importância de aprofundar e sistematizar o conceito visando uma prática da fotografia como alternativa a relações de exploração e opressão como muito comumente se viu – e continua se vendo – ligada.

**Referências**

ASSUNÇÃO, Paulo Eduardo Marques. **Retratos de família: memória do livro fotográfico**. TCC (Graduação em Jornalismo). Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019.

AZOULAY, Ariella Aisha. **História potencial: desaprender o imperialismo**. São Paulo: Ubu Editora, 2024.

LIMA, Dilliany Justino de. **Foto-diálogo, diálogo-foto: ensaios sobre o invisível e subversão das normas de gênero**. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 41. 2018. Anais[...] Joinville: INTERCOM. 2018. 11p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016

GIORDANO, Liliane de Fátima. **Uma proposta de imersão no processo da fotografia e na leitura de imagens**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

QUEIROGA, Eduardo. **Apontamentos para uma fotografia dialógica**. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 46. 2023. Anais [...]. PUCMinas: INTERCOM, 2023.

RIBEIRO, Wagner. **Fotojornalismo: do impulso violento à fotografia dialógica na cobertura de crises humanitárias**. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 42. 2019. Anais[...] Belém: INTERCOM. 2019. 13p.

ROUILLÉ, André. **A fotografia: entre documento e arte contemporânea**. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2009.

TEIXEIRA, Sheilla Kelly de Sousa. **Mulheres, café e cotidiano: um olhar fotográfico sobre o trabalho das mulheres durante a colheita do café no interior de Minas Gerais**. 2023. 62 f. Projeto experimental (Graduação em Jornalismo) - Instituto de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2023.

TELES, Lara Rubia Silva. **A fotografia de Sebastião Salgado: uma proposta de trabalho com alunos do Instituto Federal do Maranhão/IFMA – Campus Monte Castelo**. 2023. 91 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Rede - Prof-Artes em Rede Nacional/CCH) - Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2023.